



**Org. Hayline Vitória
Pedro Bertoldi**

As donas da Cena

O projeto A ÚLTIMA NEGRA está sendo realizado com recursos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul por meio do Pró-cultura RS FAC – Fundo de Apoio à Cultura.

APRESENTAÇÃO

O e-book AS DONAS DA CENA é fruto de um projeto escrito e idealizado com muito amor pelos organizadores desse trabalho. Ao juntarmos o desejo de discutir, refletir e levar para a cena teatral questões sociais e sobretudo raciais surgiu a dramaturgia autoral de Pedro Bertoldi e posteriormente o espetáculo A ÚLTIMA NEGRA, a qual esse e-book é fielmente vinculado.

O espetáculo A ÚLTIMA NEGRA traz de forma poética e potente discussões atuais que necessitam ser questionadas, repensadas e reivindicadas. Ao ficcionalizar o congelamento de uma mulher negra, que é encontrada após cem anos e quando vista na sociedade atual é lida como um objeto negróide, observamos o quão forte e por vezes, solitário seria apresentar essa dramaturgia em palco, afinal teria apenas uma atriz negra em cena.

No entanto, o desejo por ver nascer esse espetáculo, fez com que o Coletivo Projeto Gompa, grupo de atores e artistas que criaram a peça focassem em um forte objetivo: deixar que a personagem Dandara fosse a última negra apenas no palco, mas que os demais membros da equipe e as ações desse projeto fossem destinadas em sua maioria para pessoas negras, construindo juntos um forte aquilombamento.

Eis, que vos perguntamos: O que acontece quando um grupo de 51 mulheres negras oriundas de sete estados diferentes do Brasil se reúnem para pensar dramaturgia negra?

O e-book As Donas da Cena apresenta textos de quinze dramaturgas negras espalhadas pelo Brasil, as quais reuniram-se durante a oficina de dramaturgia para mulheres negras e nesse espaço criaram suas narrativas.

Deste modo, o presente livro apresenta cenas sobre ciclos, sonhos, encontros e desencontros, inícios e términos. Cenas sobre vida e morte. Sobre escolhas. Cenas escritas por mãos negras.

SOBRE OS ORGANIZADORES

HAYLINE VITÓRIA



Hayline Vitória, atriz-protagonista no Espetáculo A Última Negra, é atriz, professora de teatro e produtora cultural. Natural de Porto Alegre, Capital Gaúcha, graduou-se em Licenciatura em Teatro pela UFRGS, tendo realizado parte de seus estudos na Universidade de Évora, Portugal. Recebeu, em 2016, o troféu Açorianos de melhor atriz revelação com o espetáculo Tabataba: dois contra o mundo. Em cena, integra o Coletivo Nômade de Teatro e Pesquisa Cênica, e o Coletivo Projeto Gompa.

PEDRO BERTOLDI



Pedro Bertoldi, dramaturgo e roteirista no Espetáculo A Última Negra, é arte-educador, ator e dramaturgo. Natural de Gramado, Serra Gaúcha, deu seus primeiros passos nas artes cênicas atuando em oficinas de teatro na escola. Atualmente, cursa a graduação em Teatro na UFRGS. Em 2018, tornou-se membro do Coletivo Projeto Gompa estreando com o premiado espetáculo Inimigos na Casa de Bonecas, em que atuou e assinou a dramaturgia juntamente com Camila Bauer e Marco Catalão. Em 2019, incomodado com os crescentes casos de violência contra a população negra, iniciou a escrita da peça A Última Negra.

As donas da Cena

SUMÁRIO DAS CENAS

ÂNGELA XAVIER	9
A BORBOLETA	10
BARBARA SANTOS	13
DES(PERTENCENTE)	14
CAROLINE FALERO	17
JANAÍNA E SEUS REFLEXOS	18
CLAUDIA SIMONE	21
COR/POS	22
DAIANA DA SILVA	25
A MENINA YAYA	26
DANDARA SANTOS	29
“TOC-TOC”	30
DELIANE SOUZA	34
E O AMOR?	35
JAIARA DIAS	39
A CAMA DE ROSA	40
JESSICA AYO	43
A MORTE DE JUCA	44
LUANNA SILVA	49
LUMA E PAULO	50
LUÍSA OLIVEIRA	52
OLHOS DE JABUTICABA	53
MAYRA ALVES	55
A COR PREFERIDA	56
PÂMELA ENEIDA	59
CLARA E LEILA	60
SAVANA FERREIRA	62
AVENTURA DE DANDARA	63
SHEIQUELLANN	67
O (RE)ENCONTRO	68

Vozes-Mulheres

Por Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Poemas de recordação e outros movimentos, p. 10-11).

ÂNGELA XAVIER



Ângela Maria Xavier Freitas é especialista em História e Cultura Afro-brasileira, graduada em Letras e professora da rede municipal de Gravataí no estado do Rio Grande do Sul. Atua como diretora de teatro estudantil, participando de vários festivais, sendo inclusive premiada no ano de 2018 com o troféu Desconstrução da História Oficial no Festival de teatro estudantil de Gravataí com a Esquete Lanceiros Negros. Também é escritora e autora do conto infantil O Lanceirinho Negro.

A BORBOLETA

por Ângela Xavier

Personagens:

Joana - Mulher negra e moradora da periferia. Nunca trabalhou fora de casa, vivendo em função da família. Boa mãe, trabalhadeira e analfabeta. Vive um relacionamento de 30 anos com um homem machista e preconceituoso. Decide, com o apoio dos filhos, voltar a estudar.

Jorge - Homem branco, trabalhador e morador da periferia. Acredita que a esposa é sua propriedade. Durante 30 anos acostumou-se a ver a mulher submissa. Enfrenta com resistência a transformação vivida pela esposa.

Joana era uma mulher sofrida, assim como várias mulheres brasileiras, a vida nunca foi muito fácil pra ela. Casou cedo e criou seus dois filhos com muito trabalho. Porém, os filhos já estavam criados. Na casa apenas ela e o marido, homem com quem convivera durante 30 anos, sendo uma mulher submissa e desprovida de autoestima. Após um convite para frequentar aulas de alfabetização, decidira com o apoio dos filhos retomar os estudos. Começou a frequentar a escola, sentia-se bem. O marido parecia desconfortável.

JORGE: Joana, você não está muito velha para brincar de aulinha?

Joana retrucou para surpresa do marido, acostumado com o silêncio da esposa.

JOANA: Não acho, não! Tenho apenas cinquenta anos...

JORGE: Você é uma velha ridícula!

Joana atravessava um período de depressão profunda com a saída dos filhos de casa. E os comentários maldosos do marido despertaram nela uma repulsa adormecida. A professora estava entusiasmada com a evolução da aluna. O tempo foi passando e em poucos meses Joana já estava lendo, buscando mais conhecimento, para desespero do marido.

A turma estudava no período da noite e era composta em grande parte por mulheres. Certo dia decidiram criar um grupo de teatro para facilitar o aprendizado e perderem a timidez.

O que ninguém esperava é que Joana tivesse um talento nato para artes cênicas. A arte foi tomando proporções inimagináveis em sua vida. Foi ficando vaidosa e seu olhar foi adquirindo um brilho diferente. Depois de um ano, Joana era outra pessoa.

O marido também percebera e nas vésperas de um festival de teatro organizado pelo município decidiu interferir...

JORGE: Onde “pensa que vai”?

JOANA: Tenho um ensaio hoje pois temos uma apresentação amanhã no teatro da cidade.

JORGE: Presta atenção no que vou te dizer: Você é ridícula! Analfabeta e negra. Devem estar se divertindo nas tuas custas. Acorda! - *disse e saiu para o bar.*

Joana ficou muito abalada, não foi ao ensaio, deixando a professora e diretora angustiada, já que a aluna era uma das protagonistas.

O desabafo entre elas uniu ainda mais a professora e a aluna, elevando ao patamar de amizade a relação.

Joana quase não dormiu naquela noite. No outro dia acordou decidida e foi ao ensaio.

Já era noite e todos aguardavam ansiosos a apresentação do grupo no festival de teatro da cidade. Aluna e professora se olharam em uma perfeita cumplicidade. O espetáculo foi um sucesso e Joana foi premiada como melhor atriz do festival.

Ao chegar em casa o marido a questionou:

JORGE: Acabou a palhaçada?

JOANA: Sim...Pode retirar tuas coisas da minha casa.

Atônito, ele não acreditava no que ouvira...

JOANA: Acabou, Jorge! Não quero mais!

E, com o troféu em punho, ela o expulsou de sua casa e de sua vida.

Entrou dentro de casa calmamente, arrumou um espaço para o troféu e foi ler um livro sugerido pela professora, de uma mulher...uma tal de Angela Davis...

*As donas da
Cena*

BARBARA SANTOS



Barbara Santos - É mulher negra de pele clara, tem 24 anos, nascida em São Paulo/Embu das Artes, moradora de São Carlos, terapeuta ocupacional em formação, extensionista no projeto METUIA-São Carlos, amadora e amante das artes. Só a escrita salva e estar entre mulheres de cor como diria Rupi Kaur é uma satisfação.

DES(PERTENCENTE)

por Barbara Santos

Personagem 1: Nome: Jordana Idade: 17 anos. Profissão: vendedora de flores. Ela é negra de pele clara, mestiça uma mistura entre negros, indígenas e brancos. Ela vive tristonha, pois não sabe o que ela é de verdade e, quase sempre, fica muito confusa em relação a isso. É questionadora e vive fazendo perguntas para ela e para os outros. Ela perdeu a mãe quando tinha 12 anos e tem um sonho de saber quem ela é e encontrar um lugar que ela seja acolhida. Qualidade: Boa ouvinte e observadora. Defeitos: Tem dificuldade de localizar lugares físicos.

Personagem 2: Nome: Martelo, Idade: 100 anos. Profissão: Instrumento do juiz. Grosso e sem pontas como o martelo usado em julgamentos. Ele é muito questionador e acompanha Jordana em toda sua viagem. Qualidade: é muito detalhista. Defeito: é um grande julgador.

Jordana é uma adolescente que vive andando em busca de ser aceita. Ela percorre os caminhos de uma cidade pequena em que ela vive, vendendo suas flores, ela tem dificuldades em vendê-las, pois muitos não a recebem bem, mas ela nunca desiste e está sempre andando por aí. Ela não se sente bem em sua cidade, pois muitas pessoas a julgam pelo seu estilo de vida e suas características físicas e sempre dizem que ela não pertence àquele lugar. Um dia ela tem uma grande discussão com uma senhora e ela se sente muito ofendida e ela resolve sair andando e de repente ela já não sabe mais como voltar. Até que no meio do caminho ela encontra uma cachoeira e bem no início está parado um martelo, ela fica bastante assustada.

Diálogo I:

Ela pára e pensa em passar em silêncio, mas ele faz uma pergunta.

MARTELO: Quem é você?

JORDANA: Meu nome é Jordana e o seu?

MARTELO: Sou o martelo do “juiz” e o que é você?

JORDANA: Eu uma menina, moro na Cidade Branca

MARTELO: Você não parece uma cidadã da Cidade Branca, está tentando me enganar? não é? Se parece um pouco com uma cidadã da Cidade Preta, mas também não é igual aos cidadãos de lá... Estou confuso, de que cidade você é de verdade?

JORDANA: Estou dizendo a verdade, sou da Cidade Branca e até você vem me dizer isso, estou muito cansada disso.

MARTELO: Mas eu realmente nunca vi pessoas como você lá.

JORDANA: É o que todos me diziam, de todas as formas que podiam...

MARTELO: Estou muito confuso com você, perco até meu senso de julgamento, pois eu sempre sei o que são as coisas, é o meu trabalho, mas eu nunca vi algo assim por aqui, estou intrigado.

JORDANA: *(tristonha e nervosa)* Só gostaria de encontrar um lugar em que eu pudesse ser eu em paz, sem ouvir sempre as mesmas coisas e agora além de tudo estou perdida.

MARTELO: Achei interessante isso, gostaria de te ajudar a achar esse lugar, aí nós dois ganhamos. Eu por finalmente saber o que você é e você por achar esse lugar. Mas realmente acho que será uma jornada difícil, pois nunca vi ninguém parecido com você. Mas está decidido eu vou com você.

Diálogo II

Eles saem andando em busca dessas respostas e passam por diversos locais em que encontram inúmeras aventuras, mas com muita dificuldade em uma lugar muito distante encontram um lugar chamado “Quilombo É Tudo Nosso” e eles ficam intrigados com isso e resolvem ver o que é aquele lugar e quando entram há o primeiro choque, eles foram muito bem recebidos. Lá eles conversam com todos e descobrem inúmeras coisas, inclusive como surgiram pessoas além das pessoas de Cidade Branca e

Cidade Preta e que eles haviam se unido para resistir a aquilo que os deixava enfraquecidos e que juntos eles se tornavam um espaço mais acolhedor e mais forte

JORDANA: *(Espantada)* Eu nunca vi tantas pessoas parecidas comigo assim e nem nunca recebi tantos sorrisos!!!

MARTELO: Estou incrédulo, realmente existem mais de vocês por aí, impressionante! o mais impressionante é que muitos são idênticos aos moradores de Cidade Preta, mas muitos são parecidos com pessoas como você, estou convencido.

JORDANA: Estou chocada, nunca me senti tão bem e tão feliz em um lugar, como é bom estar em casa...Jamais podia imaginar que existem tantos como eu...

*As donas da
Cena*

CAROLINE FALERO



Caroline Falero é diretora, atriz e arte educadora, formada em Licenciatura em Teatro pela UERGS. Natural de Porto Alegre iniciou sua trajetória artística em 2002. Ao longo de mais de 10 anos desenvolve uma pesquisa poética que coloca no foco da cena um teatro periférico e popular influenciado pelo estudo dos elementos do Teatro Épico, de Bertolt Brecht. Em 2015 inicia sua atual pesquisa artística voltada para temática racial e o teatro de bonecos, focando principalmente na ludicidade de crianças negras tendo como instrumento as bonecas de tecido e amarração “abayomis”.

JANAÍNA E SEUS REFLEXOS

por Caroline Falero

Janaína

Reflexo 1

Reflexo 2

Quarto de uma menina. Madrugada .

Janaína dorme um sono agitado. Acorda sobressaltada. Calça suas pantufas e sai ainda no escuro perambulando pelo quarto em busca de algo que não sabe ao certo o que é, de repente está em frente a um grande espelho.

REFLEXO 1: Oi!

JANAÍNA: Quem é você?

REFLEXO 1: Quem você vê?

JANAÍNA: Eu..

REFLEXO 1: E o quê você vê?

JANAÍNA: Eu!

REFLEXO 1: Tá, mas o quê você vê?

JANAÍNA: *Ãh... uma menina (chegando mais perto) ... estranha demais... gordinha demais ... pretinha demais ... baixinha demais... cabelo enrolado demais...*

REFLEXO 1: sabe o que eu vejo daqui?

JANAÍNA: Humm

REFLEXO 1: Uma menina mais feia que as outras, mais gorda que as outras, muito mais preta que as outras, tão pequena que ninguém vê, com um cabelo que parece nós impossíveis de desatar.

Janaína, segura o choro com tanta força que sua garganta chega a doer. Quanto mais perto de chorar, mais o semblante no reflexo parece sorridente. Ela percebe e fica curiosa.

JANAÍNA (*questionando*): E como é que eu sou mais feia que as outras, se as outras são tantas e todas tão diferentes? (*o reflexo se surpreende com a pergunta*)

REFLEXO 1: Eu sou você, o que você vê eu vejo também.

JANAÍNA: Pensando bem, eu nunca vi ninguém como eu... porque todas as meninas são diferentes, né? Só as que são gêmeas, essas às vezes parecem iguaizinhas...

REFLEXO 1: Mas eu te acho a mais feia que eu já vi

JANAÍNA: Mas você só vê eu! (*a imagem no espelho parece que fica mais fraca, menos nítida a cada questionamento da menina. Janaína percebe o que acontece*) E essa pancinha aqui (*aperta a barriga, sente cócegas e não contém o riso*) eu já vi maiores e já vi menores.

REFLEXO 1: Ué! Mas foi você quem começou... “ai, eu sou estranha demais, gorda demais... bibibobobo” (*janaína acha graça da imitação, a imagem no espelho some um pouco mais*) - JANAÍNA (*rindo*) – você é engraçada ! (*não controla as gargalhadas e o reflexo some de vez*)

Surge um novo reflexo da menina, vai aparecendo gargalhando tanto quanto Janaína, a menina pára de repente, o novo reflexo segue gargalhando

JANAÍNA: Ixi tô tendo um “dejavi” (*o reflexo ri ainda mais. Janaína a princípio não entende nada, mas acha engraçado, volta a rir também*)

REFLEXO 2: (*entre rir e falar chega bem perto, como que inspecionando*) estou vendo uma menina ... que não é parecida com ninguém mais ... hummm estranho! (*gargalha*)

JANAÍNA (*entrando no jogo proposto*) Eu vejo uma menina cheia de curvinhas e de cosquinhas e que gosta de comer de tudo... (*gargalha*)

REFLEXO 2: Eu vejo uma menina que parece a noite...

JANAÍNA: E que os olhos parecem duas luas ...

REFLEXO 2: E os dentes parecem colar de estrelas brilhantes enfileiradas! *(o sorriso de ambas é gigante)*

JANAÍNA: Uma menina que é tão pequeninha que na hora da encrenca ela some e ninguém vê..

REFLEXO 2: Que cabe em cada cantinho...

JANAÍNA: Com um cabelo que parece algodão doce de tão macio...

REFLEXO 2: Que parecem nuvem..

O jogo entre ambas se torna quase uma dança de tocar diversas partes do corpo e rimar com palavras diversas, que as vezes fazem sentido, as vezes não

JANAÍNA: Uma menina com joelhos

REFLEXO 2: Que ficam bem no meio *(gargalhadas)* e que nos pés ...

JANAÍNA: Nunca tem chulé ...

REFLEXO 2: Mentirosa! Ahahahahaha e nas costas ...

JANAÍNA: Ela não encosta *(tenta e não consegue)* ! E no nariz ...

REFLEXO 2: Quando espirra vira um chafariz *(gargalham)* ... uma menina engraçada!

JANAÍNA: Corajosa!

REFLEXO 2: Assustada?

JANAÍNA: Brava?

REFLEXO 2: Triste?

JANAÍNA: Às vezes ...

O jogo vai cessando e no silêncio Janaína e Reflexo 2 vão passando o olhar e os dedos por diversas partes do corpo, acariciam os próprios cabelos, o rosto, os braços, a barriga, até que ficam por um longo tempo se encarando, como que se reconhecendo pela primeira vez, numa espécie de encantamento.

CLAUDIA SIMONE



Claudia Simone dos Santos de Oliveira é psicopedagoga e mestranda em Relações Étnico Raciais. Atua como kuringa internacional: Pas à Passo Théâtre de L' Opprimé, França; Centro de Teatro do Oprimido – CTO, Brasil; TOgether Cia. Teatral Internacional. Como artista-ativista antirracista, é referente metodológica da Rede Ma(g)dalena Internacional e integrante do Movimento Cor de Anastácia e dos coletivos Cor do Brasil e Madalena Anastácia. Na luta antimanicomial, é idealizadora do grupo de Pirei na Cenna e Madalena Louca. No Teatro das Oprimidas, desenvolve uma Estética Feminista Negra por meio do espetáculo *ME Editar nas águas que me atravessam*, sobre o impacto do racismo na subjetividade das mulheres negras.

COR/POS

por Claudia Simone

Ela entra na comunidade, no meio da confusão e pega Solori pelo braço

ANAÔLÉ: conta para mim onde você pensa que vai ?

SOLORI: Vou deixar meu ouvido no meio da praça como sempre faço.

ANAÔLÉ: Vai não..vamos parar com essa baboseira. Esse negócio de escutar o que as pessoas falam. Na verdade tu é uma fofoqueira de mão cheia, leva e trás da comunidade. Para mim já chega.

SOLORI: você pode provar o que disse. *(Solari grita para todos que estavam olhando)* pode provar..quem aqui já ouvir alguma coisa que meus ouvidos ouviram rolar por aí? Descer morro, subir morro, encostar no bar do jorge? Quem?

A multidão em volta nada dizia. Olhar as duas pretas como quem duvida do que vê. Como pode duas lideranças, tao importantes para comunidade brigarem como gato e rato. E além do mais tinha uma que nem queria brigar .

ANAÔLÉ: Vai. Peraí... Ah, vamos começar do começo, ninguém ouvir nada ? Nadinha ? Eita gente mentirosa, canastrona...depois não vem me pedir ajuda não. (Apontando para todos)

SOLORI: Onde foi que você começou a me odiar ? Quando ? Por que? Nem nos conhecemos direito, só moramos na mesma comunidade e queremos o mesmo : o melhor para nossa gente.

Anaolé olha Solari de cima à baixo

ANAÔLÉ: Para nossa gente..não brinca afrobege, não brinca...tô falando de retintos..retintos ta entendo, não vem tirar graça comigo não , que eu não sou das suas, dos seus , dessa gente...que se vende fácil, que se disfarça de branco quando é

necessário, que vira as costas quando a bala come, que nem de perto sabe o cheiro que a vida tem.

SOLORI: O cheiro que a vida tem? O cheiro que a vida tem? Que cheiro? Que vida? Tu ta falando de vida para quem já morreu faz tempo. Toma aqui meus ouvidos e vai ouvir o vale de lágrimas que dorme dentro dele. Se a comunidade não inundou, não se afundou, não ruiu é porque tem alguém que escuta ... e não grite comigo..não grita não que ...

ANAÔLÉ : Que o que? Que o que? É isso mermo, tu não é das nossas... tu não é vista como a gente e daqui alguns anos...não vai mais poder morar aqui...porque essa comunidade é minha...é minha... e nenhuma negra de pele clara vai viver aqui, sobre o meu céu, meu sol, minha lua...com os pés na minha terra.

Os filhos de Anaolé, escutam a fala da mãe. Escutam sua raiva contra a cor de seus corpos... toda a comunidade escuta, calada, de olhos bem abertos a conversa entre as duas. No meio de tudo Solari, tira um canivete...

ANAOLÉ; E então? Enfim vai se matar ? Que belo começo de dia...em fim estamos caminhando para o que queremos....

SOLORI: Eu ... ela pegou o canivete ...cortou as orelhas na frente de todos... e colocou no centro da praça.

O dia ficou estranho, nada se ouvia na comunidade. Não existia som... as orelhas sangravam águas cristalinas, como se dentro delas não tivessem sangue, mas um vale de lágrimas. Solari, voltou para casa, saiu da praça, não podia ver tanta barbaridade de uma história mal contada e que todos acreditavam. No dia seguinte a comunidade acordou chorando, gritando, em desespero. Os ouvidos tinham secado, a água tinha acabado e não tinha mais ninguém para ouvir. Ninguém ouvia ninguém, nem nada...era um falatório sem fim,

ANAÔLÉ: O que você fez?

SOLORI: Dei o que você me pediu...nada mais que isso. Um mundo onde ninguém se escuta, ou ninguém escuta ninguém. Um mundo de palavras sem ouvidos, de ouvidos sem som , um mundo silencioso para as questões da alma.

ANAÔLÉ: E agora ? E agora ? Ninguém me ouve, ninguém se ouve... é impossível criar o mundo de negros de melanina acentuada...um mundo nosso, bem acabado... esse mundo que sempre quis. E agora ?

SOLORI: e agora pergunto eu. Era isso que tu queria, se livrar da escuta, da pele clara, de quem sem melania não poderia estar no seu céu, na sua terra, nos seus rios...

ANAÔLÉ: Dane-se, dane-se ...vai para o inverno..tu e sua orelha.

Solori virou as costas e viu os dois filhos de Anaolé no meio da praça,emprestando suas orelhas para a comunidade. Ela parou no espaço, pensou no tempo e olhou para Anaolé

ANAÔLÉ : É isso, é isso ... as orelhas que são suas, são deles também. São nossas Como vou fazer para criar o mundo que eu desejo ? Para trazer a paz ? Como ?

SOLORI: Essa é uma pergunta para você.

Anaolé sentou -se na pedra mais alta da comunidade e tentou escutar o que não ouvia antes.

DAIANA DA SILVA



Me chamo Daiana da Silva ou Dai/Daia, sou feminista amefricana, sai das águas quentes de minha mãe em 1986, desde então ando com fé pela terra. Nascida e criada em São João de Meriti -RJ, mas ando por todo canto, porque sou cantante. Professora na Educação Infantil e professora de Sociologia no Ensino Médio, graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, aprendiz, contadora de histórias, vez em quando volto para as águas (amo fazer balé nas águas) e sigo aprendendo com muitas mulheres como atravessar fronteiras.

A menina Yaya

por Daiana da Silva

APRESENTAÇÃO

Yaya é uma menina encantada, ela é parte da natureza e se manifesta alegre e destemida. A história da menina Yaya é a lembrança de que “nossos passos vêm de longe”, mesmo ainda sendo criança a sua liberdade e coragem são resultado das experiências de vida das que vieram antes. Tataravó, bisavó, avó, Dona Lourdes (mãe de Yaya) teceram um saber que visa driblar as desigualdades e opressões para que muitas meninas sigam com coragem, sem medo, em liberdade, protagonizando a própria história.

PERSONAGENS

YAYA: Menina de cinco anos

LOURDES: Mãe de Yaya

BENEDITO: Pai de Yaya

CENA 1 - Um quintal na Baixada Fluminense/RJ

VOZ OCULTA: Ainda é manhã e a menina Yaya acorda, empolgada, alegre e pensando em como apressar o tempo. Como ela gosta de água, a menina de cabelos cheios cacheados e curto, olhos cor de mel sempre bem abertos, tem apenas 5 anos que ela brotou aqui na terra. Uma menina alegre, teimosa, de poucas palavras e muita imaginação, ela acredita mesmo que o quintal onde vive com algumas poucas árvores e chão de terra é uma grande floresta, o tanguê um grande lago! Ela que vive organizando festa para as formigas, esta mesmo animada é para festa junina no bairro.

O pai, um homem tímido e silencioso até que beba, prometeu que na volta do trabalho vai levá-la para a festa. Yaya que gosta da luz do dia esta torcendo para anoitecer... A única esperança de ir a festa junina é seu pai levá-la, sua mãe não curte mais festa junina se tornou evangélica e é essa fé que a mantêm de pé desde que a

vida lhe pregou algumas peças, ela também não esta muito bem de saúde, nem a igreja tem ido...

É chegada a noite, Yaya sente cada segundo como se fosse uma hora de vida.

YAYA: Cadê o pai?

LOURDES: Ele chegou, esta no banho e vai jantar.

Voz oculta: Cada garfada Yaya perguntando...

YAYA: Quando vamos? Já esta na hora? Vamos! Vai acabar! -exclamava Yaya

LOURDES: Deixa seu pai jantar menina, olha o respeito! Se fizer mal criação não vou deixar você ir.

VOZ OCULTA: *Chegou a hora, os olhos de Yaya não perdia de vista uma poeira no caminho. Logo chegaram, seu pai achou um bom lugar próximo a cerca de folhas de coqueiro com uma boa vista para a dança de quadrilha, um lugar bem estratégico para ela e ele, isso porque atrás havia uma barraca com bebidas.*

Anarriê! Coisa linda pensava Yaya, vê toda aquela dança, vestidos coloridos, quanta animação, quantas cores... O que mais lhe intrigava eram os papeis picados que jogados para cima e quando batiam no chão tac tatak, estalava, mas como? Papeis picados caem e fazem barulho, magia!

Mas, quando as apresentações acabaram, as quadrilhas levaram toda magia, os papeis picados do chão não faziam barulho... Uma mirada para trás e Yaya com seus grandes olhos não avistava seu pai. Teria ele sumido? Esqueceu-se dela? Uma olhada com os grandes olhos de ponta a ponta com duração de segundos se tornou uma espera de horas, o que fazer? Yaya fora esquecida? Será? Coração acelerado, mãozinhas suando, vontade de chorar, medo e coragem de voltar para casa sozinha e a noite. Vai corre menina corre!

Ela pegou um atalho na floresta, tudo escuro, barulhos estranhos, sombras a seguiam... Corre menina corre!

Finalmente depois de dois quarteirões de ruas de paralelepípedo ela chegou no portão improvisado do quintal onde mora, mas ela ainda teria que passar por três casas, pois a sua é a última, aí estava o perigo maior, escuridão, casas vazias, todos na festa ou na igreja. Corre menina, pula os buracos, cuidado jacaré...

Yaya chegou! Abraçou sua mãe que estava com corpo quentinho, febril estava a mãe.

LOURDES: Seu pai você trouxe até o portão?

VOZ OCULTA: *Yaya acenou com a cabeça que sim, a mãe colocou no banho e Yaya não quis jantar, queria dormir na companhia da sua mãe e não disse uma palavra sobre ter sido abandonada e sobre a aventura na floresta. Já em segurança a menina dorme. Chega em casa seu pai pálido, tremulo e olhos marejados.*

BENEDITO: Yaya desapareceu, todos já estão a sua procura pelo bairro, já pedi para anunciarem na igreja, agora resta ir à polícia registrar queixa o desaparecimento.

LOURDES: Yaya chegou faz tempo e esta dormindo! Não foi você que trouxe?

BENEDITO: Não, não fui eu!

VOZ OCULTA: Olhos de cor de mel bem abertos de seu pai, expressavam medo, culpa, e lágrimas de alegria. A mãe de Yaya olhou com espanto e admiração a menina adormecida e pensou:

LOURDES: Que glória! Acho que essa menina nasceu com asas!

DANDARA SANTOS



Dandara Santos tem 40 anos e é casada com um maravilhoso homem preto, com quem tem três filhos e uma enteada. Natural de Porto Alegre(RS), atualmente mora em Alvorada (RS). Dedicada há pelo menos 10 anos ao serviço público, também é graduanda em Administração Pública. Sempre teve interesse em escrever - chegou até a co-escrever um livro de poesias no período escolar - além de grande admiração das demais manifestações artísticas. Seu objetivo como dramaturga é proporcionar maior representatividade ao povo preto através de personagens e histórias diversas.

“TOC-TOC”

por Dandara S. Santos

SOLILEU - Homem, negro, 89 anos, ranzinza e mau humorado na maior parte do tempo. É um indivíduo com o que chamamos de “pensamento antigo” e conserva seus diversos preconceitos.

A MORTE – servidor público, objetivo e racional, que procura realizar seu trabalho com a maior eficácia possível. Não tem idade ou sexo ou mesmo um fenótipo definido, e, portanto, deverá ser interpretado por diversos atores.

A casa de Solileu, em que se mostra uma poltrona escura, de couro envelhecido, ao lado de uma mesinha com telefone antigo e com discador analógico. Do outro lado, uma estante, com algumas fotos. Decoração simples. Ao lado da estante, uma porta.

CENA 1:

Solileu, sentado, fala ao telefone, muito com péssimo humor.

SOLILEU: Não vou, não. Não vou, nada. Vou lá me meter com este tipo de gente? Para quê? Que há de tão bonito em celebrar a decadência? (...) Não, já chega disso, me admira a senhora, uma advogada, querendo participar disso: desfile de gente decrépita. Um mal sabe o nome, a outra roubando batatas fritas que os outros deixam na mesa...Ideia de girico. Ideia de girico. Onde já se viu, festejar 90 anos carregando por aí sua bolsa de coco para todos verem.

O homem fica quieto escutando a outra pessoa do outro lado da linha.

SOLILEU: (resmungando) Pois terão que fazer sem mim. Aliás, já havia te dito que não vejo mais graça nisso. É um com câncer, outro com artrose, o outro tremendo, não. Somos um asilo ambulante. Tem a área de fumantes? Pois nós somos a área de asilo. Que entre na sua consciência: já não temos utilidades e não vejo mais graça em sair de casa, nesse calor, para ser lembrado disso. Vou esperar a morte em casa.

Desliga o telefone.

Duas batidas na porta. O homem estranha. As duas batidas repetem. O homem se ergue, arruma uma foto na estante e abre a porta. Move-se com alguma dificuldade.

A MORTE: Boa tarde, Sr. Solileu Lopes?

SOLILEU: Mas quem é o senhor? Como não foi anunciado pela portaria?

A MORTE: Sr. Solileu, eu...

SOLILEU: Escute bem aqui, eu não tenho bens aqui. Não há nada para afanar.

A MORTE - ...

SOLILEU: Também não pense que só porque já estou apodrecendo que perdi meus sentidos, não caio em bilhete premiado.

A MORTE: ... mas...

SOLILEU: ... também não tenho interesse em adquirir nada, nem participar de sorteio. Não assino nada. Rifa para ajudar também não me interessa!

Entra A Morte, mostrando seu crachá, vestindo camisa pólo de cor clara e calça de brim, com colete preto com a sigla SOME em amarelo na parte das costas. Segura um tablet.

A MORTE: SENHOR SOLILEU LOPES.

O homem quase tropeça para trás.

SOLILEU: M-mas quem é o senhor e o que deseja invadindo minha residência??

A Morte aproxima o crachá mais ainda dos olhos do homem.

A MORTE: Agente M, do Serviço Orientado de Modificação de Existência, da Secretaria Especializada Regional. Consta aqui que o senhor possui diversos protocolos em nossa ouvidoria, requisitando o fim de sua existência.

SOLILEU: COMO É QUE É? MAS QUE BRINCADEIRA SEM GRAÇA, ISSO É COISA DO... DO.... MAS ELE VAI VER SÓ UMA COISA.

O homem dá as costas e vai se dirigindo à mesa do telefone, mas para quando A MORTE segue a fala.

A MORTE: Pois o senhor não requisitou por diversas vezes que a morte viesse lhe buscar?

O homem olha, incrédulo.

A MORTE: (mostrando mais uma vez o crachá e apontando para o *tablet*) Pois então, aqui estamos, viemos pelos diversos chamados. Está na hora.

SOLILEU: A hora? A HORA? Chegou a HORA? Não pode ser, não pode ser possível...

A MORTE: A “hora” foi só forma de falar. É que hoje ainda teremos mais 8 APs para retornar e o senhor é o primeiro. Se eu não cumprir na “ho-ra”, acaba atrasando os próximos, e isso é injusto com os demais cidadãos.

SOLILEU: O SENHOR NÃO EXISTE.

A MORTE: Como assim não? Estou aqui bem na sua frente. Na sua ficha consta que o senhor não tem convênios, mas nunca ouvi dizer de ser humano que não acreditasse em mim.

O homem segue até a poltrona, para pegar novamente o telefone.

SOLILEU: (resmungando) ... do Nelsinho, bem do feitio dele, ah, Nelsinho, você vai ver só uma coisa...

A MORTE: (começando a ficar sem paciência) Ora, senhor, eu preciso cumprir meus protocolos, não tenho como demorar!

SOLILEU: (*discando, ainda resmungando*) Piada mais sem graça.

A MORTE – E EU SOU PALHAÇO? NÃO, não sou, estou no meu serviço, em trabalho, prestando serviço de máxima utilidade para o sistema e para a própria humanidade. Agora, vamos, não precisa levar nada não.

O *tablet* começa a emitir um barulho de ligação.

A MORTE – Licença, preciso atender à Coordenação.

*As donas da
Cena*

DELIANE SOUZA



Deliane Souza é atriz, performer e cria com a sua voz. Nasceu e cresceu em Porto Alegre/RS e lá participou da Oficina de Formação de Atores do Depósito de Teatro (2015-2019), onde atuou em algumas peças teatrais incluído "Romances impossíveis" (2016, 2017) com a qual participou do projeto de ocupação dos palcos públicos Porto Alegre: Novas Caras, com direção de Elisa Heidrich e Roberto Salerno de Oliveira. Realizou aulas de canto na Batuta Cultura Musical e canto coral no Curso de Extensão da UFRGS em 2017. No mesmo ano foi indicada ao Prêmio Açorianos de Teatro na categoria Atriz Revelação. Trabalhou como atriz no espetáculo "Profilaxia" (2018) com direção de Jéssica Barbosa, espetáculo vinculado ao Departamento de Arte Dramática da UFRGS e realizou performances na Fundação Iberê Camargo na Noite dos Museus de 2019. Atuou no experimento cênico digital "Método Rítmico" (2020) com direção da Guadalupe Casal, pelo 27º Porto Alegre em Cena. Atualmente pesquisa no âmbito do teatro online e da performance o seu corpo histórico social e as potências do mesmo para criação artística.

E O AMOR?

por Deliane Souza

São 20:00 horas e Thaísa está em seu apartamento, veste uma roupa confortável, mas arrumada, está aguardando seu noivo Roberto chegar do trabalho. Anda de um lado para o outro procurando um lugar confortável para se posicionar, se senta na poltrona da sala que fica de frente para a porta de entrada. Ela está com os nervos à flor da pele, seu coração parece que vai sair pela boca. Roberto finalmente chega.

ROBERTO: Boa noite amor, já jantou? (Um tanto quanto animado)

THAÍSA: Não! (Tentando disfarçar o nervosismo)

ROBERTO: Que maravilha, trouxe uma pizza para a gente, a mesma que comemos semana passada, que você amou.

Dá um beijo em Thaísa e se dirige para a cozinha que é estilo americana, coloca a pizza em cima do balcão. Thaísa se levanta da poltrona, faz gestos com as mãos como se não soubesse o que fazer com elas, morde as unhas, tenta disfarçar.

THAÍSA: Ah, que bom! Eu queria falar uma coisa com você.

Roberto se encaminha para o quarto, ele não percebe o nervosismo de Thaísa.

ROBERTO: (Gritando do quarto) Sobre a cerimônia? Como estão os preparativos? Muito trabalho? Vou só tomar um banho.

THAÍSA: Está bem.

Thaísa caminha novamente pela sala, de repente ela paralisa, muitas coisas passam pela sua cabeça.

THAÍSA: O que eu estou fazendo? Meu deus, não tenho coragem. Eu não tenho forças, tudo vai acabar. Por que eu não falei antes? Não vou conseguir. Mas se ele me ama de verdade ele vai entender. Eu não tenho desejo de ser mãe, eu não quero ser mãe. É muito difícil falar, mas eu preciso. Eu sou forte, todo mundo me diz isso. Já passei por tanta coisa. Eu consigo!

Roberto volta pra sala.

ROBERTO: *(Tom surpresa e cobrança)* Meu amor, você ainda não colocou a mesa?

THAÍSA: *(Tentando voltar pra realidade)* Não, ainda não.

Thaísa começa a arrumar a mesa e Roberto a ajuda.

THAISA: *(Enrolando)* Eu estava pensando nos detalhes do casamento, falta pouco tempo e eu estou muito cansada, você não está me ajudando em nada. Isso me deixa ansiosa.

ROBERTO: Eu? Estou ajudando sim, pagando. Sei que estamos dividindo todas as despesas, mas essa festa é um sonho seu e não meu. Mas eu te amo, faço isso por você.

THAÍSA: Eu sei que você me ama. *(Com os olhos cheio d'água)*

ROBERTO: *(Com tom carinhoso dá um abraço em Thaísa)* Era isso que você queria falar comigo? Os dois sentam a mesa para jantar.

Thaísa come um ou dois pedaços de pizza, Roberto não percebe pois está faminto.

THAÍSA: *(Engole a saliva a seco ao terminar de falar)* Na verdade não. Quero dizer, é sobre o casamento também. É um outro detalhe que precisamos conversar.

ROBERTO: Tudo bem amor, só vamos terminar de comer e a gente fala na cama, juntinhos.

Fica observando Roberto comer enquanto se prepara pra começar a falar, se sente fraca e frágil.

THAISA: *(Sai da mesa com seu prato na mão e o coloca sobre a pia)* Tudo bem. Eu comi um pedaço da pizza, mas hoje estou com um pouco de azia, vou me organizando pra deitar.

No quarto, Thaísa se deita na cama esperando Roberto. A cada minuto que passa vai ficando mais difícil para Thaísa falar, a coragem vai sumindo e dando lugar a um medo

descontrolado. Thaísa fecha os olhos e o mundo gira, sua cabeça é tomada por questionamentos novamente até que Roberto entra no quarto.

THAÍSA: (Olha atentamente para Roberto) Amor, senta aqui eu preciso falar com você agora, eu preciso te contar uma coisa. Eu te amo.

ROBERTO: (Desconfiado) Eu sei que você me ama.

THAÍSA: Eu não quero ser mãe.

ROBERTO: Como assim? (Se levanta da cama) Você nunca me disse isso, nós estamos juntos a 5 anos e você nunca falou sobre isso, você sabe que esse é o meu maior sonho. (Sem entender) Thaísa o que está acontecendo?

Thaísa chora muito. Roberto a observa incrédulo. Thaísa desliza da cama até o chão e abraça suas pernas.

THAÍSA: Eu não tenho esse desejo. Eu nunca disse nada porque eu não queria lidar com esse assunto antes, eu achei que talvez você fosse mudar de ideia.

ROBERTO: (Saindo de perto dela) Mas todo esse tempo Thaísa? Todo esse tempo?

THAÍSA: Eu passei por tanta coisa, eu não quero ser responsável por outra pessoa, por criar uma pessoa nesse mundo. São tantas coisas, eu não quero ser mãe, eu nunca quis. Além disso não é você que vai engravidar, que vai ficar barrigudo, que vai parir e dar de mamar, eu não quero isso. Você consegue entender? Mas nós podemos ser felizes sem um filho. A gente vai se casar daqui a seis meses, vai dar tudo certo. Eu te amo muito.

ROBERTO: Você me ama? Você não pode fazer isso por amor? Eu nunca quis uma festa de casamento e eu estou aqui por você. Eu preciso pensar sobre isso. Eu vou para casa da minha mãe e eu espero que você pense bem se você me ama.

Roberto troca de roupa, pega uma mochila e sai de casa enquanto Thaísa chora no chão do quarto. Ela fica ali deitada durante algum tempo, o choro cessa, as lágrimas secam enquanto sua cabeça devaneia sobre o que é o amor.

THAISA: O amor... O que é o amor? É renunciar a mim mesma? O meu desejo pelo seu desejo? Será que é o que eu sinto? Eu só queria te fazer feliz e me fazer feliz. É fogo que arde sem doer? Alguém sabe o que é o amor? Eu já não sei mais... Eu quero estar junto de você, eu quero dançar com você, eu quero te abraçar, sentir seu cheiro... Será que um filho é o amor, um bebê? Eu não sei.

*As donas da
Cena*

JAIARA DIAS



Jaiara e também Jaia. Talvez, Jaiara Dias Solares. 24 anos de encantos e sonhos pelos mundos. Nascida e criada em Vila Velha-ES, mas sempre nutrindo a Bahia que mora em mim, memória ancestral da alma. Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, venho experimentando as angústias e os prazeres da pesquisa biográfica. Sigo me entregando ao Ser-Estar Cantora, poeta, escritora e aspirante a desenhista que me compõem, tomando posse dessa graça que é o poder das imagens e palavras. Seguirei palavreando e imaginando por aí.

A CAMA DE ROSA

por Jaiara Dias

Rosa está em seu quarto, sentada numa cadeira e fala enquanto encara a sua cama.

ROSA:: *(Em silêncio, observa a sua cama arrumada, e em seguida diz)*

Cama-desejo

onde meu corpo se aninha

descansa

sorri

e, às vezes

goza e chora

goza e chora

goza e chora...

“Você escolhe demais, vai morrer sozinha! Sozinha!” Rhum... Quem ela pensa que é!? Meu corpo é o meu território, eu tenho o direito de escolher quem vai se chegar nele, num tenho? É a minha vida que tá em jogo, é a minha vida! Num é qualquer pessoa que eu vou abrir a minha intimidade. Eu sei que eu tô certa, eu sei disso. *(Pausa)* Eu vejo tantas mulheres acompanhadas que continuam sozinhas, se lascando em banda por causa de casamento. Mas, e se eu ficar sozinha mesmo? E se a vida for assim? E se a condição de ter um homem é correr o risco de ficar só mesmo dividindo espaço na cama? É... o amor é uma grande dúvida...

(Rosa se levanta e caminha ao redor de sua cama)

Cama-fecunda

onde meu corpo expele a vida

que sai por entre os dedos

treme e geme

em liquidez

goza e chora
goza e chora
goza e chora...

Eu tenho um amor, ele vive aqui, guardado no peito, num cantinho que ele não sai e não é exposto. E é aqui (*Se joga na cama arrumada*) que eu me enrosco nele, que ele entra e sai de minhas entranhas (*Risos*). E daí se é tudo fruto de minha imaginação? Uma mulher de 40 anos, professora de literatura não pode fantasiar uma transa com o homem que ela deseja? Ele ama outra, o que eu posso fazer? Nada além de segredar isso comigo e minha cama...

VOZ OFF: (*Rosa ouve enquanto tapa os ouvidos*) Tu vai morrer sozinha! Você escolhe demais, vai morrer sozinha! Sozinha! Onde já se viu, uma mulher de 40 anos, com profissão e num tem um marido!? Num tem um filho! Se demorar muito, vai arrumar mais ninguém, viu! Mulher fica vencida, homem não. Em qualquer idade, homem arruma casamento, mas mulher... passou dos 40, já era... se adiante logo, mulher!

ROSA:

O tempo é mar
imensidão
tempo é onda
que leva e traz
salga e lava
o meu coração

O tempo sou eu quem faço, eu bolo, rebolo e realizo meus planos. E dedico minhas melhores horas à literatura, meu Deus, como eu amo lecionar! Num tenho tempo pra me preocupar com esse negócio de tempo válido no mercado dos casórios, não! Só de pensar na minha agenda pra arrumar homem... Minha nossa! Já fiquei exausta! Mas também num é assim... eu quero um companheiro, mas eu não posso me ancorar em qualquer Cais que tem por aí, né!? (*Pausa*)

Eu faço muita coisa... Tô cansada da minha rotina: casa, trabalho, trabalho, casa e boteco no fim de semana, e tudo se repete na semana seguinte. Eu amo lecionar, mas

ser professora nesse Brasilão num é fácil não, viu! Talvez eu devesse tirar umas férias... quero praia, sol, calor e cerveja gelada, bem aquele clichê de verão *(Risos)*

(Rosa se levanta da cama, vai em direção à sua mala, pega a mala e fica ao lado de sua cama. As luzes se apagam lentamente enquanto ela diz)

Às vezes, o corpo tem mais peso
do que a cama pode suportar
e quando o colchão afunda
deixo a onda me lavar
e me afundo no fundo do mar.

*As donas da
Cena*

JESSICA AYO



A cantora, compositora e produtora cultural, Jessica Ayo, é nascida e criada em Campos dos Goytacazes, no interior do estado do Rio de Janeiro, seu gosto pela música começou por volta dos cinco anos de idade. Prestes a lançar seu primeiro EP com músicas autorais inéditas, repletas de influências da MPB, além do relançamento da faixa “Ninho”, single lançado em 2016 e que, atualmente, possui mais de 30 mil visualizações no Youtube. Com previsão de lançamento para o fim de março, a artista acredita que o momento é oportuno para falar de amor. “É um sentimento que nunca envelhece”, diz.

Em sua trajetória, Jessica carrega a participação no programa X-Factor, que ocorreu durante a estreia do programa no Brasil, em 2016. Passou por algumas produções realizadas pela TV Globo, como as novelas “Pega Pega” e “O Tempo Não Para”, além de participações em projetos independentes na web como o “Sofar Sounds” e “LaDoSiLar”.

A MORTE DE JUCA

por Jessica Ayo

*Foi no ano de 1983 d.C., mais precisamente no mês de março, que conheci Juca. Durante sua apresentação no referido festival no Maracanãzinho. A partir desse dia, começamos a sair em lugares *estratégicos*. Com o tempo, Juca, foi passando a ocupar um importante espaço na minha vida. Começaram então, as expectativas da parte do Juca em querer assumir um relacionamento social comigo. E então, deram início às brigas.*

JUCA: Por qual motivo, você faz questão que nossos encontros sempre sejam aqui (Barra de Guaratiba)?

ZARINA: Como assim?

JUCA: Por que nunca pude pegá-la em casa? Por que nunca me apresentou para sua família? Por que nunca me convidou para almoçar ou sair com seus amigos?

ZARINA: Para com esse bafafá Juca! Você sabe que te amo. Faça isso por nós!

JUCA: Por nós? Ou por você? Por acaso... Você tem vergonha de mim?

ZARINA: Etê! É hoje né? Tu tá querendo enredo.

JUCA: Responde!

ZARINA: Já te disse, faço por nós.

JUCA: Sei...

No fundo tocava "Doce mistério" (Canção de Tunai e Sérgio Natureza)

ZARINA: Ouça! É a nossa música!

JUCA: Quero respostas

ZARINA. Por que me esconde ? Por que esconde o que nós sentimos? Não me ama suficiente?

ZARINA: Juca, para! Não quero falar sobre isso.

JUCA: Eu preciso saber o que se passa de verdade! Eu estou te amando, mas essa relação está me machucando a cada dia.

ZARINA: O quê te machuca? Eu? O meu amor?

JUCA: Sua falta de sinceridade comigo! Estou vendo que não irá me responder. Pois bem, ouvi você ontem no telefone discutindo com o seu pai.

ZARINA: Você o quê? Juca, como assim?

JUCA: Ouvi você dizendo que não passávamos de amigos.

ZARINA: Era para acalmar meu pai, você sabe que minha família é tradicionalista.

JUCA: Tradicional ou racista?

ZARINA: Para Juca, agora você foi longe demais. Você está dizendo que minha família é racista? Você não tem esse direito. Você está interpretando as coisas de uma forma negativa.

JUCA: Deixa eu terminar! Ouvi também, quando seu pai discursou que eu era trabalhador, que de onde eu venho (favela), isso é quase impossível!

ZARINA: Juca chega!

JUCA: Calma, deixa eu terminar! Que pessoas como eu (negro), merecem um voto de confiança desconfiando.

ZARINA: O pai teve uma criação difícil!

JUCA: Difícil? Risos (de deboche) ...

ZARINA: Sim! Não gosto da sua ironia. Você acha, que só porque não somos negros que não tivemos nossas lutas?

JUCA: Quê isso agora? Uma guerra pra saber qual etnia sofre mais?

ZARINA: Eu não sou o meu pai!

JUCA: Mas foi alimentada (criada) por ele! E pelo visto está reproduzindo o racismo como ele!

ZARINA: Não sou racista! Nunca me incomodei pelo fato de você ser queimadinho.

JUCA: Não parece!

ZARINA: Eu te amo!

JUCA: Então me prova. Vamos na sua casa agora e informamos a sua família sobre nossa relação.

Juca respirava fundo enquanto Zarina chorava de soluçar.

JUCA: Você não percebe! Você reproduz o racismo que viu da sua família.

ZARINA: Não! Me prove! Quando foi que fui racista com você, Juca?

JUCA: Desde o primeiro dia! Demorei em aceitar, porque me apaixonei por você à primeira vista.

ZARINA: Quando fui racista?

JUCA: Na primeira vez que me viu, você segurou sua bolsa e entrou no banheiro correndo. Naquele momento você achou que eu fosse te assaltar?

ZARINA: Claro que não... Eu

JUCA: Calma! Tem mais...

ZARINA: Eu me assustei! Isso é ser racista? Sou mulher, pensei que você fosse um tarado.

JUCA: O quê te fez achar isso?

ZARINA: Não sei seu estilo. Sei lá, já passou! Por que falar disso?

JUCA: Meu estilo?

ZARINA: É! Seu cabelo(black power) na época me assustava.

JUCA: Meu Black te assustava? E por isso você me cogitou como um bandido ou estuprador ?

ZARINA: Chega!

JUCA: Ah, sem contar na semana retrasada que você pediu para que eu viesse de camisa social.

ZARINA: E desde quando pedir para você usar camisa social é sinal de racismo?

JUCA: A questão não foi a camisa, e sim o porquê eu deveria usá-la. Você lembra o que me disse? “Juca, venha de camisa social, não quero que as pessoas digam que você é um morto de fome só porque você mora na favela”.

ZARINA: Não foi por mal.

JUCA: Também não foi por bem!

ZARINA: Você está sendo injusto comigo. Não tenho culpa se meu pai não te aceita. O lugar de onde eu venho, as pessoas crescem assim.

JUCA: Racistas?

ZARINA: Sem muito contato com pessoas como você!

JUCA: Como eu como? Negro?

ZARINA: Moreninho! Não gosto de falar negro, parece que estou te ofendendo.

JUCA: Eu sou negro, se você não sabia, fique sabendo agora! Não sou moreninho, ou pardoco (pardo).

ZARINA: Você não está colocando em pauta tudo que te proporcionei até hoje !

JUCA: Como assim?

ZARINA: Os lugares que te levei as viagens, os presentes!

JUCA: De fato, obrigado Zarina! Trocaria tudo isso por uma única coisa.

ZARINA: O quê?

JUCA: Respeito!

ZARINA: Respeito?

JUCA: Sim! Você , assim como o seu pai, não consegue visualizar gente como eu no mesmo lugar de fala do que vocês. Minha cor não me define, minha classe social não me define, meu Style não me define.

De repente os dois ficaram mudos...

JUCA: Chega, acabou!

Zarina hesitou...

ZARINA: Você precisa de mim, e eu preciso de você. A gente se ama! O que está havendo, amor? Você nunca se incomodou com essas coisas (racismo).

JUCA: E me fiz de cego, mas chega. Morri nessa relação. Preciso nascer novamente. Quero sorrir de verdade!

ZARINA: Olhe Juca, escute o que irei falar, você vai se arrepender de está sendo injusto comigo. Eu te dei todo meu amor, meu carinho. No lugar de onde você vem não tem uma mulher como eu.

JUCA: Branca? É, lá é bem difícil mesmo.

ZARINA: Meu pai não te aceita.

JUCA: E pelo visto, nem você...

Juca pegou as chaves, bateu a porta do restaurante, e saiu chutando o vasilhinho de plantas, ficou duas horas esperando o ônibus (via central do Brasil). Já Zarina, pediu um táxi (via Leblon) , e no meio do caminho , veio refletindo as palavras de Juca. Chegando em casa, Zarina foi conversar com seu pai

ZARINA: Pai! O quê te fez ser assim ?

PAI: Assim? Como assim?

ZARINA: Racista!

LUANNA SILVA



Me chamo Luanna Silva, tenho 23 anos, natural do Rio de Janeiro. Sou atriz, dramaturga / escritora e estudante de artes visuais. A minha jornada como dramaturga / escritora está apenas no começo, mas foi aos 9 anos que me apaixonei pela leitura e senti ai a necessidade de também escrever, hoje eu estudo e estou a cada dia me desenvolvendo como dramaturga e roteirista, hoje me vejo nesse lugar.

LUMA E PAULO

por Luanna Silva

Paulo chega a casa

LUMA: A gente precisa conversar...

PAULO: Sobre o que?

LUMA: Sobre mim, sobre o que eu quero, sobre meus objetivos!

PAULO: Achei que a nossa vida, que o que temos já era o objetivo. *(Tenta beijá-la)*

LUMA: Você consegue ver? Como você direciona tudo para isso, resume tudo a...

PAULO: Estamos tendo essa conversa de novo?

LUMA: Te garanto que essa é minha última tentativa!

PAULO: O que você quer dizer com isso?

LUMA: Eu não posso me resumir a isso, não é o suficiente para mim, eu não estou feliz...

PAULO: Agora você quer justificar que eu te faço infeliz?

LUMA: Você não é meu companheiro, você não me apoia, não me ouve...

PAULO: Amor, somos felizes assim...

LUMA: Você não se importa com o que eu quero... Eu sou infeliz, que felicidade é essa que só você ver?

PAULO: Tudo vai se resolver!

LUMA: O que vai se resolver? Você chorar e me convencer que meu sonho é insano? Que você é suficiente pra mim? Nada "Se resolve" quando não tentamos resolver, estou aqui resolvendo e a minha decisão é seguir em frente, mesmo consciente que você não vai fazer parte...

PAULO: Você está louca?

LUMA: E vamos começar...

PAULO: O seu objetivo não é essa falação de "sonhos" você só quis um pretexto para terminar comigo...

LUMA: Você me resume a "loucura" como eu vou acreditar que você me apoiaria?

PAULO: Provavelmente você tem alguém e quer bancar a coitada...

LUMA: Acho que não temos muito mais pra falar, então eu vou...

PAULO: Você não vai.

LUMA: Não me obrigue a chamar alguém para vir aqui...

PAULO: Você nunca me amou né? (*choro*)

LUMA: Eu não posso convencê-lo de algo que não acredita, também já não cabe mais...

Luma passa pelo Paulo em direção a porta.

Paulo: Não imaginava que você fosse uma dessas, depois de tudo que fiz por você.

LUMA: Acredite, eu fiz muito mais por nós, eu terminar com você agora é o maior ato de amor, pois isso estava indo para um caminho perigoso, principalmente para mim.

Luma sai e bate a porta.

*As donas da
Cena*

LUÍSA OLIVEIRA



Créditos da foto: Bárbara Krüguer

Sou Luísa Dias Rosa de Oliveira, uma preta mulher artista. Tenho 25 anos e sou de Novo Hamburgo-RS. Graduada no Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS. Integro o Coletivo Corpo Negra, projeto de extensão da UFRGS que reúne mulheres negras da Graduação em Dança para criação, reflexão e pesquisa em torno de questões políticas e artísticas da comunidade negra. Atuo como arte educadora na ONG Ação Encontro e Instituição Amparo Santa Cruz, ministrando aulas de dança contemporânea, danças negras e técnicas circenses. Me vejo como uma pesquisadora e multiplicadora da história e cultura afro diaspórica.

OLHOS DE JABUTICABA

por Luísa Oliveira

Pérola entra em seu quarto, pega o espelho e se atira na cama.

PÉROLA: *(alegre)* Oi! Cheguei!

ESPELHO: Chegou mesmo! O que esses olhos brilhantes e esse sorriso largo têm para me contar?

PÉROLA: *(risos)*. Aconteceu algo tão especial... Hoje, quando eu estava saindo do Centro de Artes, passei por uma menininha pretinha que também faz aula lá e que, sempre que nos cruzamos, me olha de um jeito diferente.

ESPELHO: Diferente? Um diferente bom ou diferente ruim?

PÉROLA: Ah, eu nunca me senti desconfortável. Ela tem uns olhos que parecem duas jabuticabas, uma rica de uma pretinha. Deve ter uns 5 anos, talvez.

ESPELHO; E o que aconteceu hoje quando vocês se viram?

Pérola levanta da cama para reproduzir a cena.

PÉROLA: Ah, então. Hoje, quando nos cruzamos, ela estava com uma moça. Assim que me viu, a menina deu um puxão que chegou a desequilibrar a mulher *(risos)* . Não pude deixar de reparar que as duas olhavam para mim.

ESPELHO; *(curioso)* E foi?

PÉROLA: Foi! Primeiro a pretinha cochichou para moça. Daí a moça olhou para menina, fez um movimento de sim com a cabeça, a pegou pela mãozinha e vieram na minha direção.

ESPELHO: De certo acharam que tu era profª do Centro de Artes.

Pérola senta na cama, ao lado do espelho.

PÉROLA: (*debochada*) Em breve, querido. Me aguarde! (risos) Então... elas sorriram e me cumprimentaram. A moça se apresentou e me disse que era mãe da criança. Me contou que toda vez que a pretinha chegava em casa, pedia para a mãe fazer um penteado igual o da “mana preta do Centro de Artes”, que logo entendi ser eu.

ESPELHO: Pérola, eu estou emocionado! Se elas soubessem quantos dramas tu sofreu até admirar teu próprio cabelo.

PÉROLA: Ain, verdade. Se um dia tu me dissesse que eu amaria meu cabelo e que, ainda por cima, conseguiria inspirar outras crianças pretas, eu te guardaria em uma gaveta.

ESPELHO: Credo! Eu sempre enxerguei o valor dos teus crespos para muito além da beleza que eles têm.

PÉROLA: (*suspirando*) Sabe?... Foi algo tão simples, mas que nunca vou esquecer. Eu quero que cada vez mais e mais que o amor que venho resgatando pela minha e nossa *pretitude*, reflita nos olhos e no espelho das pretas e pretos que eu cruzar por aí.

ESPELHO: Vai sim, Pérola. Pretas e pretos encontrarão beleza, força e significados potentes em seus reflexos ancestrais.

MAYRA ALVES



Mestre em ensino de teatro(PPGEAC-UNIRIO), pós-graduada em preparação corporal (FACULDADE ANGEL VIANNA), professora de Artes Cênicas do município do Rio de Janeiro (SME-RJ). Nasceu em uma família de artistas atuante nos movimentos sociais, principalmente movimento negro. Suas vivências foram marcadas com muita música, dança, canto, debate e manifestações. Sua relação com a escrita surgiu na infância com seus diários e teve como grande incentivador o pai, que também amava escrever. Integrou durante anos a ONG de mulheres negras CRIOLA, no GRUPO DE TEATRO DAS CRIOLAS onde dirigiu e criou, de forma colaborativa, a dramaturgia do grupo. Acredita na dramaturgia como uma ferramenta grandiosa capaz de acolher toda gama de diversidades, reestruturar subjetividades, lógicas e criar um novo mundo.

A COR PREFERIDA

por Mayra Alves

Uma menina em cena de vestido amarelo andando de patinete.

Entra uma mulher muito bem arrumada e bonita, vestindo um outro modelo de vestido também amarelo. Ela está muito apressada e segura uma bolsa, uma pasta e passa pela menina sem percebê-la. A menina fica tão encantada com a moça desequilibra do patinete e cai.

MENINA: Ai! Ai! Ai! (tentando chamar atenção)

A mulher tensa olha para o relógio que tem no pulso e vai até a menina. Mulher: Machucou querida? Deixa eu ver. A mulher senta a menina em um banco que há ali perto para verificar seu estado. Enquanto a menina se mantém atenta e encantada com ela.

MENINA: A senhora é cheirosa. Está indo pra onde?

MULHER: Estou indo pro trabalho. Tenho uma reunião muito importante hoje. (olha novamente o relógio)

MENINA: E trabalha aonde?

MULHER: Everything Market América. É uma multinacional de vendas.

MENINA E você trabalha com o que?

MULHER: Com vendas.

MENINA: Vendas de que?

MULHER: (se levantando sem paciência) De diversos produtos. Querida, pelo que estou vendo aqui está tudo ok. Foi mais um susto e uns arranhões leves. Vamos indo. Você mora aqui perto?

MENINA: Você sempre quis ser vendedora? Eu quero ser jornalista.

MULHER: (sorrindo) Bem se vê! Pergunta tudo! (faz uma pausa) Sabe que eu também já quis ser jornalista?! Quando se é criança a gente sonha em ser um monte de coisa.

MENINA: Eu quero ser jornalista, bailarina, atriz, cantora e veterinária. E você, sonhou em ser jornalista, vendedora e mais o que?

MULHER: Na verdade, eu nunca sonhei em ser vendedora. Aconteceu.

MENINA: Ué, mas se tinha um monte de sonhos porque foi fazer justamente o que não sonhou?

MULHER: Tem coisas que são complicadas pra crianças entenderem...

MENINA: Me explica, então.

MULHER: A vida de adulto não é tão simples, menina. Eu também já quis ser bailarina, atriz, veterinária, cantora, jornalista... Tudo isso! Mas as situações da vida vão levando a gente para caminhos bem diferentes daqueles que a gente projetou. Às vezes as coisas simplesmente não dão certo!

MENINA: Entendi. Você é feliz nisso que faz?

MULHER: Olha, trabalho muito, tô sempre resolvendo algum problema. Eu literalmente não tenho descanso. Nesse momento por exemplo, tenho sido muito requisitada por conta da minha habilidade de comunicação com outras empresas. É uma a-dre-na-li-na! Mas me dá um destaque interessante na empresa.

MENINA: Mas isso te faz feliz?

MULHER: Há muito tempo que não penso sobre isso, menina. Tenho momentos de vitória que me dão satisfação profissional. São pontuais. A vida prática, o dia-a-dia atropela nossos sonhos como um rolo compressor de um jeito, que a gente passa por eles depois, pisa e nem percebe. É um pouco triste, mas é como eu e muita gente sobrevive.

MENINA: E como foi que isso aconteceu? Quando?

MULHER: (voltando a ficar impaciente) Ah não sei! O fato é que já perdi muito do tempo que já não tinha aqui contigo. Você já está bem e pode voltar pra casa numa boa.

A mulher faz um movimento pra sair, mas é pega pela mão.

MENINA: Espera! Preciso te falar uma coisa. Quando te vi e meu coração acelerou, se encheu de emoção! Foi um misto de susto, encantamento, curiosidade. Nem sei explicar! Aí caí, carreguei na dor pra ver se você se aproximava e...! Cheirosa como nossa mamãe!

MULHER: Do que você está falando?

MENINA: Eu tô falando de você, de mim, de nós.

MULHER: Então você... (começando a entender quem é a menina)

MENINA: Eu criei muitos sonhos, escrevi redações na escola, desenhei possibilidades diversas e coloridas, muitas combinações! Poderia ser qualquer uma! Poderia ser algo que minha imaginação não pensou! Mas há muito tempo você parou de imaginar, parou de inventar possibilidades. Não sei o que aconteceu, mas não queria que fosse assim! Tudo isso era pra ser feliz! Você ser feliz!

MULHER: Me perdoe!

MENINA: Será que é preciso viver assim tão distante dos nossos sonhos? Do riso, da leveza? Você foi deixando de ter tempo pra mim ao ponto de não me reconhecer mais. Não reconhece que sou você quando a ventania ainda te habitava e tinha certeza que poderia ganhar o mundo. Só queria que tivesse preservado em você um pouquinho da minha risada frouxa, da brincadeira ágil, do tempo pro sonho e pra si.

MULHER: Me perdoe por não cuidar de nós.

As duas se abraçam.

MENINA: Ainda assim, fico feliz que amarelo ainda é sua cor preferida.

(sorrindo)

PÂMELA ENEIDA



Pâmela Eneida Costa dos Santos, nascida em São Gabriel – RS, no dia 21 de janeiro de 1984, é administradora, servidora pública municipal, atriz e acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia EAD da Universidade Federal do Pampa. Escreve poesias e textos para dramaturgia desde 1996. É integrante da Companhia Teatral dos Pampas desde 2014, participando de peças de teatro e curtas metragens.

CLARA E LEILA

por Pâmela Eneida

CENA 1

Clara e Leila estão na mesma festa, e ficam se observando, disfarçadamente. Leila vai ao banheiro retocar a maquiagem. Clara vê e vai atrás.

CLARA: *(chega ao banheiro)* Que surpresa te encontrar por aqui. LEILA: *(olha pelo espelho, séria)* Oi, Clara. *(segue passando o lápis no olho)*

CLARA: *(pega um batom da bolsa e vai para frente do espelho)* Festão, né? Comida boa, bebida farta... E cá pra nós, que é aquele que tá contigo?

LEILA: *(guardando o lápis e pegando o batom)* Um amigo meu.

CLARA: *(com ironia)* Amigo? Sei. As gurias que estavam junto comigo comentaram sobre ele. Um gato. Abre o teu olho.

LEILA: *(solta o batom na pia e olha para Clara, mostrando desconforto)* Não acha que está querendo saber demais, se metendo demais? Eu não sou sua amiga de balada pra ficar comentando sobre homem, sou sua terapeuta.

CLARA: *(se faz de desentendida e segue falando)* Tu é uma mulher interessante, guria, charmosa. Mas muito devagar, travada. Tem que se soltar mais, se revelar mais. Como ele vai saber que tem interesse se seguir fechada em copas?

LEILA: *(um pouco irritada)* Já está passando dos limites, por favor. Não tenho que conversar sobre esses assuntos contigo. Quem expõe os problemas é tu, e lá no consultório. Aqui não é lugar...

CLARA: *(interrompe e segue falando)* Tu tá precisando de uma consultoria. Eu, se fosse tu, esticava a noite, sabe. Uma baladinha, uma caipirinha...

LEILA: *(muito irritada)* Chega! Quem pensa que é para me dar consultoria sobre a minha vida amorosa?

CLARA: *(demonstra entusiasmo e coloca a mão no ombro de Leila)* Eu estou vendo toda a situação de fora, é mais fácil analisar. Se utilizar bem as minhas dicas...

LEILA: *(guardando o batom na bolsa com certa rispidez)* Eu não quero que analise nada. Já é a segunda vez que tu vem com esse tipo de abordagem. Qual é, vai ficar me perseguindo agora? Não te dei o direito de opinar dessa forma invasiva na minha vida pessoal.

CLARA: *(bem irritada)* Eu só queria te dar um toque, doutora, porque estou vendo que em seguida alguém vai passar a mão no seu “amiguinho” e vai te deixar chupando o dedo.

LEILA: A nossa relação é estritamente profissional. Se começarmos a desenvolver algum tipo de vínculo, terá que procurar outro profissional, porque vai se tornar antiético da minha parte atender as amigas de bar.

CLARA: *(olhando para as unhas)* De repente, é melhor mesmo, não tô vendo resultado nenhum da sua terapia. Acho que a Liginha, minha amiga de bar, me deixa curada só num papo regado a Clericot.

LEILA: *(pega a bolsa e para na frente da porta, indignada)* Tu que sabe, mas do jeito que tu age, está pra nascer o profissional que vai conseguir te ajudar. Nem a sua amiga Liginha do bar, e sabe por quê? Simplesmente, porque tu não para de falar, não para pra escutar e não deixa ninguém te ajudar. E o pior: tu não te ajuda. *(Percebe que perdeu o controle, passa as mãos na cabeça)* Me desculpa, eu não poderia ter perdido o controle desse jeito.

CLARA: *(passando o batom em frente ao espelho, com lágrimas rolando em seu rosto)* Pode até ser que o meu caso não tenha solução, mas a tua situação está bem pior que a minha, querida. Perdendo o controle desse jeito, sei não, o Conselho de Psicologia não ia gostar nada de saber disso. *(Olha para ela)* Ou ia?

Leila sai e bate a porta.

SAVANA FERREIRA



Savana Ferreira tem 26 anos, nasceu em Porto Alegre e atualmente reside em Alvorada, Rio Grande do Sul. É atriz, dramaturga, diretora, professora e estudante de licenciatura em teatro na UFRGS. Seus últimos trabalhos incluíram o Projeto Isolamento Capital, que contou com a dramaturgia de Thiago Silva em 2020. A peça "A criança do Futuro", realizada por Efêmeros de Teatro de Grupo em 2019. A peça "Sáficas", projeto de atuação, na mostra DAD de 60 anos em 2018. Além disso, estudou teatro com o Grupo de Teatro Ói Nós Aqui Outra Traveiz em 2014 até 2017. E também nos mesmos anos, trabalhou com Grupo de Teatro Galegos e Frangalhos em Canoas.

AVENTURA DE DANDARA

por Savana ferreira

CENA 1

Casa da Avó Zulmira. Dandara chega chorando na casa da avó, depois de não conseguir fazer a prova oral da escola .

DANDARA: Avó zulmira ! Vó,você está aí ?

Silêncio. Som da chaleira no fogo.

DANDARA: Onde você foi, avó? Mas a avó não ia deixar a chaleira no fogo e sair assim.

Dandara olha para fora e não vê Lupi, sentado na árvore. Então vai até a cerca chamá-lo.

DANDARA: Lupi ! Lu.. pi! Lu... pi !

LUPI: Dandara, o que você quer ? (zangado).

DANDARA: Não precisa ser grosseiro.

LUPI: Fala logo que você quer. Eu tenho trabalho da escola para fazer.

DANDARA: Sabe onde a minha avó foi?

LUPI: Não faço a mínima ideia.Talvez no mercado.

DANDARA: Pra quem fica pendurado nos topos das árvores, aqui no quintal. Não sabe onde está a minha avó... é estranho,não é?

LUPI: Eu só fico contemplando a paisagem. Não cuido da vida da avó Zulmira.

DANDARA: Se bem que...Você podia parar de contemplar, tanto a paisagem e observar mais as coisas à sua volta.

LUPI: Você, podia parar de gastar o meu tempo. Eu tenho bastante coisas pra fazer.

Dandara vai voltando para dentro da casa e Lupi para a sua.

DANDARA: Oh menino estranho! Oh menino estranho esse hein? Ele só pode estar de lua hoje.

CENA 2

Ela está dentro de casa e espera sua avó chegar (som relógio dizendo tic e tac)

DANDARA: Já são sete horas da noite e nada da avó chega. O que será que pode ter acontecido com ela ? (preocupada).

Ela anda de um lado para outro.

DANDARA: Será que eu ligo para mãe? (pensa)...melhor não ligar. Já estou até vendo, ela dizer: *(imitando a mãe)* Dandara, porque você não veio direto para casa. Uma mocinha da sua idade andando sozinha na rua à noite. Deus sabe o que pode acontecer! Vai ficar de castigo por uma semana... Sem ir na casa da sua avó, sem nem um piu,hein mocinha.

DANDARA: É... melhor ... (Toca a campainha). Quem é ?

DR. X: Olá, menina! Estou procurando a Dona Zulmira?

DANDARA: Ela não se encontra no momento.

DR. X: Então, quer dizer mocinha. Que você está sozinha?

DANDARA: Não, tecnicamente...O meu amigo... Lupi vai vir para cá.

DR. X: *(misterioso)* Mas enquanto o seu amigo Lupi e a sua avó não chegarem. Eu posso lhe fazer companhia.

DANDARA: Sabe o que é... seu moço. Não posso deixar nem um estranho entrar, enquanto a minha vó não chega.

DR. X: Mas eu não sou, nem um estranho. Eu conheço a sua avó há anos, desde criança, ela me benzia. Ah propósito, eu só vim aqui entregar uns documentos a ela.

DANDARA: *(surpresa)* Documentos?

DR. X: Sim, estou afim de comprar a casa.

DANDARA: Mas essa casa não está à venda. A minha avó não me disse nada que ia vender a casa.

DR. X: A sua avó... Parece não lhe dizer muita coisa, Dandara.

DANDARA: Como você sabe o meu nome ?

DR. X: Ah! Eu conheço muitas coisas sobre você, Dandara. *(ele mexe na fechadura da porta)*. Parece que eu podia entrar desde sempre.

LUPI: Eu acho que não. *(Lupi salta em cima de Doutor X)*

DR. X: Sai... Sai... Sai de cima de mim. Seu moleque!

Ele se gruda em Doutor X, porém Doutor X joga o Lupi e ele cai.

LUPI: Agora, você vai ver seu vilão de araque!

Dandara sovando as orelhas de nervoso e fica surpresa.

DANDARA: Meu Deus ! Lupi... você é um Lobisomem.

Lupi pula de novo em Doutor X e consegue morder o seu pescoço. Doutor X cai no chão de dor e Lupi puxa Dandara pelo braço.

LUPI: Vem comigo!

DANDARA: Não, vou não.Vai saber? se você não vai querer me comer, que nem Chapeuzinho Vermelho.

LUPI: Não sou o lobo mau da Chapeuzinho. Vem logo ou prefere ficar aí com ele?

DANDARA: É melhor eu ir.

CENA 3

Lupi e Dandara entram no quartinho do Quintal de sua avó. Ali, consiste em uma passagem secreta para a floresta Quilombo encantado. O cenário da peça muda.

DANDARA: Que lugar é esse ?

LUPI: É uma florista, você não está vendo.

DANDARA: Eu sei que é uma floresta. Ainda estou tentando entender o que aconteceu. Você é lobisomem, por enquanto você me parece do bem . A minha avó é o que ? E por que aquele moço me conhece?

LUPI: Eu sei que está tudo confuso,mas tenha calma. Eu não sou somente um lobisomem,mas também sou metade humano. A sua avó é a guardiã do portal da floresta Quilombo Encantado. E você deve ser alguém muito importante, para o Papa-Figo e a sua avó saber a resposta.

DANDARA: A minha avó, onde deve estar.

LUPI: Não se preocupe. Ela é muito sabida.

DANDARA: Que lugar mais lindo é esse!

Dandara fica encantada com a floresta: as cores e os assobios dos pássaros, mas parece que tem alguém entre as árvores espiando os dois.

DANDARA: Que loucura! Então, aquelas histórias que ela me contava, eram reais.

Lupi:—Em certa parte sim, mas você escolhe no que vai querer acreditar...

Essa história não termina por aqui. Ainda há muito a se descobrir. Mas você

acreditaria nas histórias que a sua avó contou antes de dormir?...

SHEIQUELLANN



Meu nome é Sheiquellann, sou atriz, arte educadora e, com todas as letras porque agora tenho coragem de me dizer, DRAMATURGA. Sou de Santa Luzia, Minas Gerais, tenho 24 anos, sou uma mulher negra. Gosto muito de ler, dançar e principalmente atuar. Sou formada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. Sou também pesquisadora das relações entre professores e alunos negros dentro da sala, pesquisa essa que desenvolvi ao longo da graduação e que culminou na escrita do meu tcc.

O (RE)ENCONTRO

por Sheiquellann

A cena se passa na sala da casa de Tereza, assim como todo o espetáculo. São 2 horas da madrugada. Tereza está sentada no sofá.

TEREZA: Mãe? (como se avistasse a mãe) Mãe, é você?

HELENA: Sim, sou eu, minha filha.

TEREZA: Eu sinto a sua falta... Me desculpe por...

HELENA: Ei, você não precisa se desculpar... As coisas acontecem, a vida acontece. Eu também sinto a sua falta.

TEREZA: As coisas andam tão confusas... Eu sinto falta da sua risada e da sua comida. *(engolindo seco)* Às vezes eu me pego pensando em te mandar uma mensagem, em te pedir uma receita daquele seu livro de receitas de liquidificador.

HELENA: Você não vai esquecer a minha risada porque vamos sempre sorrir juntas. Agora a comida já é um pouco mais difícil de resolver.

TEREZA: O sofá aqui de casa também sente sua falta. É estranho chegar e não te encontrar assistindo alguns daqueles programas criminais.

HELENA: Nossa, nem me fale. Como eu gosto de ver esses programas, CSI Miami, do...

TEREZA: ... do corujinha. *(sorriem)* Eu te amo tanto, mãe. Não tem a menor graça viver me um mundo em que a senhora não está, em que eu não ouço a sua voz de manhã me perguntando:

HELENA: Minha filha, você não vai levantar não? Vai mofar aí, eim?! *(riem)*

TEREZA: Oh, mãe, volta. Eu sei que é egoísta pedir pra que você volte, você estava sofrendo tanto aqui, mas eu tô com um vazio no peito e um nó na garganta que não vão embora de jeito nenhum. *(chorando)* Eu formei e eu queria tanto ter visto o rosto da senhora no meio das pessoas que assistiram a minha banca.

HELENA: E quem disse que eu não estava lá? Quem disse que eu não estou aqui? Eu te amo muito, minha filha, e também sinto sua falta e dos seus irmãos.

TEREZA: E quando que essa dor vai passar? E quando as coisas vão voltar a fazer sentido?

HELENA: Ei, não se culpe por nada que tenha feito ou deixado de fazer. As coisas aconteceram como deveriam. Obrigada por todos os momentos em que estive comigo e principalmente por me compreender. Eu te amo.

Helena sai de cena. E Tereza chora.

*As donas da
Cena*

As donas da Cena

Realização



Financiamento



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA